

Conrad Detrez:

o romance como arma de combate¹

Conrad Detrez:
the novel as a combat weapon

MARIA CLÁUDIA BADAN RIBEIRO

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), e estágios pós-doutorais pelo Instituto de Altos Estudos da América Latina (IHEAL/Sorbonne Nouvelle) e pelo Programa de Pós-graduação de Sociologia da Universidade de Campinas (UNICAMP)
mariaclaudia.badanribeiro@gmail.com

RESUMO: A escolha de se tornar e de permanecer revolucionário pelos escritos e a revolta contra Deus e contra o homem explicam a tentativa do escritor e militante Conrad Detrez de participar da História e de suas manifestações mais autênticas, entre elas a da ação revolucionária. Este artigo resgata a trajetória deste escritor e militante tão fascinante.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura militar. Religiosidade. "Homossexualismo".

ABSTRACT: The choice to become and to remain revolutionary through writings and the revolt against God and against man explains the attempt of the writer and militant Conrad Detrez to participate in history and its most authentic manifestations among them, therevolutionary action. This article rescues the trajectory of this writer and militant so fascinating.

KEYWORDS: Military dictatorship. Religiosity. "Homosexuality".

Eu sabia pertencer a uma raça à parte, censurável, dos condenados.
William Cliff.

O escritor e militante belga Conrad Detrez é hoje um desconhecido. Raramente o encontramos nas prateleiras das livrarias e, à parte seus artigos em jornais ou revistas literárias publicadas durante o lançamento de seus livros (*Esprit*, *La Quinzaine littéraire*, *la Revue nouvelle*), a sua bibliografia crítica ainda é muito escassa. Esses elementos bibliográficos oferecem pontos de referência sem dúvida necessários para entender sobre seu apagamento na história brasileira, a qual ele dedicou dois de seus livros². Detrez “*enfant do século et persona non grata*” (SAENEN, 2016) teria passado em silêncio no seu trigésimo aniversário de morte, em 2015, não fosse um encontro na Blues-Sphere que reuniu, em setembro, os testemunhos de William Cliff e de André Joseph Dubois, dois escritores que o conheceram pessoalmente. Do contrário, nenhum evento, nenhum artigo, nenhuma saudação. Detrez foi uma das primeiras vítimas da AIDS de sua geração. Morreu como viveu, marginal (...). Fez parte dessa geração que tinha 30 anos em maio de 1968, muito velha para “encarnar” o estudante revoltado, mas, mais jovem ainda para não experimentar na carne o espírito libertador dos questionamentos, e a violência dos eventos insurrecionais-revolucionários. Uma dezena de anos após a morte do escritor, o estado de pesquisa sobre seus textos está longe de ser satisfatório. Detrez teve garantido, pelo menos, um lugar nos dicionários mais importantes da literatura belga e francófona como mostrou uma tese a seu respeito (LUKASZYK, 1997). Sua obra, apesar de significativa, não é tão abundante, sendo poucas as publicações consagradas inteiramente a ele. Foi, sobretudo, nos anos 1980 que Detrez foi notícia nos artigos publicados pelo *Soir*, *La libre Belgique* e em outros jornais belgas e franceses. Permaneceu um escritor muito ligado à sua terra, mesmo que ele tenha escolhido a emigração e se naturalizado francês. O autor de *Ludo* (1974) não faz parte de nenhum grupo literário, mas a dimensão política e engajada de sua escrita não pode certamente passar em silêncio. Divulgador do líder e das ideias de Carlos Marighella na Europa, a quem entrevistou alguns dias antes de seu assassinato no Brasil³, compilando seus textos para a publicação de *Pour la libération du Brésil* (1970), Detrez teve uma vida aberta aos três continentes (...) e reuniu todas as contradições de um percurso rico e internacionalista tanto no plano político, quanto no plano cultural: wallon e flamenco de origem, mas federalista belga; francês de adoção, apesar de terceiro-mundista por convicção; e profissional — missionário, jornalista, professor-cooperante,

escritor, diplomata. O silêncio sobre ele talvez possa ser atribuído a sua multifacetada vida. Como afirmou Denis Benoît (2003, p. 537), “o pobre Conrad representa a figura de outsider, de criança perdida do país, atraente, claro, mas cuja vida é decididamente muito complicada e muito singular para chegar à exemplaridade”.

Menção a ele foi feita em poucas ocasiões na França, sobretudo quando publicou os escritos de Carlos Marighella reunidos no livro supracitado⁴ e no Brasil, de forma mais esparsa, quando recebeu, em 1978, uma das maiores condecorações da literatura francesa por seu *L’Herbe à brûler*, o prêmio Theophraste Renaudot, com um romance ambientado no Brasil e resultado de uma trilogia, sendo o terceiro e único exemplar da tríade que ganhou tradução para o português⁵. A imprensa brasileira, em geral, não o poupou da crítica feroz de sua autobiografia romanceada, em especial em relação a seu marxismo cristão, sua sexualidade despudorada ou sua bissexualidade, e seu apoio a Carlos Marighella e à Ação Libertadora Nacional (ALN). No *Jornal do Brasil*, o “belo romance barroco e pessimista” foi caracterizado como “uma confissão de um seminarista que deixa a batina para dormir com o mundo e fazer uma criança: a revolução” (apud CHABROL, 1978). Considerado sincero e autêntico, *L’Herbe à brûler* mergulhou, segundo outra crítica, no coração dos problemas da América Latina de um homem que, protegido por sua educação, se vê desarmado diante da vida, que o abandona nu e só diante de toda a injustiça do mundo e que, com desespero, chega à constatação de sua impotência para mudar a ordem (desordem) das coisas (BRULLER, 1978, p. 5). A crítica mais ferina veio de Wilson Martins, em três matérias seguidas no mesmo jornal sob o título “Os Bastidores da Revolução” em que ele diz,

Os jovens seminaristas brasileiros que, pela mesma época, estudavam na Europa e identificavam o chamado revolucionário com a vocação sacerdotal, informavam a Conrad Detrez: “Na América do Sul nenhum padre pode evitar a política, as jogadas da Igreja são sempre jogadas políticas”. De fato, na época em que vigorava ao máximo a “teologia da libertação” era essa a doutrina defendida no Brasil, com obstinada resistência, por parte do poder público (...) completando-se o melancólico processo do mito revolucionário no livro de Conrad Detrez, para quem toda a agitação dos anos 1960, considerando-se a liberdade de costumes dos participantes, resumiu-se ao final de contas, em decepcionantes “matilhas de trepadores” [...] É fato, Conrad Detrez tem do fenômeno revolucionário uma *visão escatológica*, se me for permitido jogar com

os dois sentidos da palavra, o que aqui se torna tanto mais necessário quanto nele, a revolução homossexual foi concomitante e, por assim dizer, complementar do ativismo político (...) (MARTINS, 1979 — grifo nosso).

A ação do romance transcorre nos meios católicos de esquerda e no movimento guerrilheiro. Trata-se, como definiu uma crônica no jornal, “do itinerário ideológico mediante o qual um jovem seminarista belga de um misticismo exacerbado deixa a instituição da Igreja “sem abandonar Deus”, parte para o Brasil como missionário leigo e se transforma em agitador político. Entregue ao serviço dos pobres e dos oprimidos, Detrez se sente, na sua chegada à América Latina, totalmente absorvido por um país trepidante e excessivo em tudo, como é o Brasil. Terceiro livro do autor, a narrativa, transcorre em um clima de extrema violência. Violência da fé, violência da miséria, das experiências sexuais de todos os tipos, da luta social, da repressão e da morte (PRÊMIO RENAUDOT, 1978). Sua narrativa reconstrói “o passado insurgente de um humanista armado”, segundo Pellegrini (2005, p. 106).

A aceleração que vai produzir a união da militância política com a fé cristã acontece em consonância com a mutação que ocorria nas fileiras religiosas, em particular a partir de 1968, após a Conferência de Medellín. O Concílio Vaticano II (1962-1965) vai lançar a ideia da transformação da América Latina e de uma Igreja voltada ao pobre e adaptada à sociedade moderna. Se o Concílio foi acelerador das tendências engajadas, a Teologia da Libertação marcou uma Igreja que foi da passagem de uma prática caritativa de ajuda ao Terceiro Mundo a uma prática mais política (CHANU, 1978). Esta evolução de ideias tanto precedeu como acompanhou a ajuda concreta e a solidariedade efetiva com os revolucionários do Terceiro Mundo. Parte da Igreja preparou o terreno à ação prática, vindo se juntar ao combate que teve seu centro nos países subdesenvolvidos. A relação estabelecida entre os oponentes políticos de um lado e a Igreja de outro foi alimentada pela adversidade e pela indignação moral que ambas as forças encontraram sob as ditaduras civis militares na América Latina. O sopro de esperança permitido pelo Concílio deu origem às missões das chamadas *Equipes do Terceiro Mundo*, formadas por padres que se deslocavam para outras dioceses para viverem em contato com as populações carentes do Brasil, da Argentina, da Nicarágua e da Guatemala. Eram, em sua maioria, enviados pela *Mission Ouvrière* ou pela *Mission de France*, que reconheciam, no trabalho local, sua missão apostólica.

Muitos párocos e missionários estrangeiros, que inclusive receberam ordem de expulsão do Brasil na ditadura, deram sua contribuição pessoal, desenvolvendo trabalhos de catequese nos grotões do Brasil e nas regiões de conflitos agrários naqueles anos. Nesta hierarquia de clérigos engajados, podemos citar Guy Riobé, Marius Maziers, Alfred Ancel, Paul Blanquart, o abade Alexandre Glasberg, Padre Maurice Barth e o padre René Rognon⁶. Destacada atuação teve o padre de Bordeaux, Antoine Guérin, que viveu no Brasil por trinta anos, convivendo diariamente com Dom Helder Câmara. Igual atuação teve Francisco Jentel, vigário de Santa Terezinha, uma paróquia da Prelazia de S. Félix. Seu comprometimento com os ribeirinhos, em especial sua luta contra a instalação da Companhia de Desenvolvimento do Araguaia (CODE-ARA)⁷, o tornou alvo principal da repressão, levando a sua expulsão do Brasil pelo General Geisel⁸.

Dentro de suas atividades, esses eclesiásticos também foram transmissores de informações e denúncias ao exterior, a despeito das constantes ameaças de morte, prisão ou expulsão sob o contexto da ditadura civil-militar⁹. Em relação à América Latina, os eclesiásticos vindos da Europa desempenharam um papel determinante. Calcula-se que mais de 50% dos padres e religiosos da América Latina tenham sido originários do desse continente (GAUCHER, 1981). É, propriamente no primeiro decênio da ditadura, como defendeu Marin, “que a Igreja brasileira realizará sua formidável transformação, definindo sua autonomia e identidade” (MARIN, 1995, p. 201). Um desses padres engajados chegou a afirmar que entre o AI-5 e 1973, “o único meio de ação no meio popular era a Igreja” e que muitos dos agentes das pastorais eram ligados a grupos clandestinos (Partido Comunista do Brasil B, Ação Popular, Ação Libertadora Nacional, Movimento Revolucionário — 8 de outubro). Para estes militantes, a Igreja oferecia, segundo ele, “uma cobertura e um sonho: o de chegar às massas” (MARIN, 1995, p. 210).

A ideia de um “evangelho libertador” e a opção pelos pobres teve ressonância, por exemplo, na militância do Padre colombiano Camilo Torres. O português Alípio de Freitas também abandonou sua condição de padre para se dedicar exclusivamente à atividade revolucionária (JOSÉ, 2002, p. 83). Se a cúpula da Igreja no Brasil manteve relações de cumplicidade com a ditadura, tentando conter as influências dos cristãos de esquerda e/ou progressistas, não é menos verdade o que o dirigente Carlos Marighella, entrevistado por Conrad Detrez, disse, “uma das coisas que mais irrita os generais é que não conseguem lançar a Igreja contra os revolucionários. Na nossa luta há religiosos, católicos, espíritas [...] gente do povo que frequentam terrei-

ros¹⁰". A ideia do homem novo conquistava mentes e corações no interior da Igreja. Aos poucos, segundo afirmou Márcio Moreira Alves, a "Igreja do Silêncio", a "Igreja Padecente" foi "lançando os militantes a um trabalho de evangelização através da mudança de estrutura" (ALVES, 1968, p. 17). Na mesma direção da opção preferencial pelos pobres, o pároco Antoine Guérin (2014) destacou a ligação frutuosa, mas, ao mesmo tempo, acidentada, entre a fé e o marxismo,

Sempre respeitei as pessoas que "trocaram a cruz pela metralhadora". Mas minha concepção do Evangelho e da vida cristã não me empurravam nesta direção [...]. Naquele documento, *Eu escutei os clamores de meu povo* os bispos e religiosos que assinaram não tomaram uma posição comunista, mas expressaram a fidelidade à doutrina social da Igreja. Dom Helder não suportava o comunismo. Ele nunca aceitou ir num país comunista... mesmo sendo chamado de bispo vermelho. Ajudar o povo a se organizar, lutando por seus direitos, defender os direitos humanos é a nossa maneira de seguir Jesus e o Evangelho, custe o que custar. Neste caminho agimos com todas as pessoas de boa vontade qualquer que sejam sua ideologia ou seu partido.

A trajetória de Conrad Detrez se inscreve, portanto, dentro deste contexto de participação social do clero, com a diferença de que o militante escolheu chegar ao Brasil como missionário leigo, desvinculado de uma organização ou grupo eclesialístico específico, vindo a se integrar posteriormente à Ação Popular (AP) e à Juventude Operaria Católica (JOC). Sua infância e imaginário são muito marcados pela guerra e pelo singular contexto belga de disputa acirrada entre a educação pública laica e a das escolas religiosas, detentoras seculares do ensino nacional. Nascido em um pequeno vilarejo da província de Liège (Roclingessur Geer, 1937), os dias da família modesta de Conrad são ritmados pelas atividades do pai açougueiro, e pelos cuidados com a casa da mãe (SAENEM, 2016). Como ele afirmou em entrevista "nesse universo uma coisa me repugnava: a ocupação de meu pai. Este homem enforcava porcos, carneiros. Eu via atrás de casa o sangue escorrer e as bestas se debaterem. Eu sentia desde muito jovem que eu jamais seguiria esta profissão" (LE FIGARO, 1978). A matança de porcos lhe dava uma visão repugnante do mundo. Se refugiar junto aos católicos, ao contrário, tornava-lhe "poético, com os anjos, o céu, o paraíso, e eu confesso que eu me doeie completamente" (BOTHOREL, 1980). Por outro lado, a figura ma-

terna apresenta em sua narrativa todas as características opostas àquelas que a tradição atribui às mães. Uma mulher limitada, enfadonha, agressiva e brutal. Ela bate em seu filho, lhe dá pontapés, puxa seus cabelos. Impede o menino de sair para o jardim, o amarra à cama. “Ela me bate, cospe no meu sexo, o aperta, ela vai cortá-lo, acabou, é a última vez, eu não sei esconder minha vergonha e minha miséria” (DETREZ, 1988, p. 45)¹¹. “Isso passará... ela diz que isso passará, é assim que se aprende, ela ficará sempre comigo, eu crescerei, eu tomarei o lugar de meu pai (...). Entretanto... não, isso não se diz, eu não devo dizer a ela que não é com ela que eu quero me casar (DETREZ, 1974, p. 106).

Detrez frequenta a escola primária no vilarejo local, fazendo depois seus estudos nos estabelecimentos católicos da província de Liège. A cultura clássica tornara-se sua paixão. Decide então cursar Teologia na Universidade Católica de Louvain, em 1959 (LEFERE, 2001). O período de sua adolescência naturalmente propício às descobertas, não o desvia, porém, de sua fé, mas, ao contrário, o persuade de sua vocação, apesar dos “erros mundanos” aproximarem-se dele, como a experiência do primeiro beijo numa adolescente de nome Alphonsine, vivido e sentido como falta grave diante de seu confessor.

Foram suas conversas em Louvain com os estudantes do Terceiro Mundo que o “acordam” para a política. “Havia negros, brancos, outro de tez cor de oliva ou morena, rapazes turbulentos que vinham da América do Sul. Esses jovens representavam a fina-flor intelectual e religiosa de suas prelazias, dioceses e missões” (DETREZ, 1979, p. 51). Como Detrez constata,

Pela primeira vez eu encontro pessoas que não são unicamente católicas. Em Louvain havia estudantes do Terceiro Mundo que carregavam neles a História. Eu descubro assim, através dos estudantes latino-americanos, os problemas políticos [...]. Eu fiz o que chamamos na época as humanidades greco-latinas. Depois eu me deparei com uma doutrina mais estruturada, mais forte, feita de uma moral rígida, de um conjunto de dogmas muitos estritos e muito definidos, estudando a filosofia e a teologia na Universidade Católica de Louvain. E foi em Louvain que eu conheci uma primeira crise moral e intelectual [...]. Todas as discussões que nós temos me sacodem, a cumplicidade entre a hierarquia católica e as classes dominantes me salta aos olhos e eu decido romper com a instituição e deixar o seminário. Na realidade, nesta grande universidade vinham estudar os estudantes do Terceiro Mundo, em particular,

católicos, tais como América Latina ou do Zaire, ex-colônia belga onde a Igreja desempenhou um papel importante. Em Louvain, pela primeira vez, eu descobri, no começo dos anos 1960, os problemas do Terceiro Mundo. Esta descoberta é aquela das pessoas de minha geração. Eu tinha vinte anos na época. A Guerra da Argélia me escandalizava, falava-se muito dela, por causa da vizinhança com a França. Falava-se da descolonização da África e da Revolução Cubana. Eu sou um homem da geração de Régis Debray. O Terceiro Mundo eclodiu na minha vida intelectual; era um dado inteiramente novo em relação aos grandes acontecimentos políticos das gerações anteriores, para os quais o grande fato foi a Segunda Guerra Mundial. A partir deste momento eu me perguntei se justificava ainda viver unicamente para os valores religiosos. Eu me coloquei o problema da ação política visando a transformar o mundo. E para não fazer meu serviço militar no Congo belga — nós estamos em 1962 — eu decido emigrar para o Brasil. Então, nova ruptura, com meu país dessa vez (BARROSO, 1980).

Ao longo de suas memórias, o personagem descobre que a escola católica é a sede não somente do obscurantismo flagrante, mas igualmente de vícios e aberrações sexuais. Como o jovem engajado luta pela felicidade, o adolescente católico-místico descobre o lado hermético do ensino religioso, incompatível com a vida real, assim como a hipocrisia do clero. Revoltado contra a rigidez do direito canônico que não admite a adoração a Deus, negligenciando os rituais, o narrador deixa o seminário, para deixar mais tarde a religião (KOWSKA, 2004, p. 74). Foi na Bélgica o início da sua tomada de consciência política, e no Brasil, seu aprofundamento, se seguindo muito rapidamente sua entrada na militância armada. Em entrevista ao *Le Figaro*, ele disse “uma crise de vocação me abalou. Ao mesmo tempo a necessidade de amor humano me obcecava. Eu deixei a Ordem, a Bélgica, eu virei as costas à cultura clássica e francesa, eu emigrei ao Brasil. Lá onde eu vivia, as pessoas morriam de fome. Nem [Albert] Camus, nem [Georges] Bernanos, os grandes autores de meus vinte anos, jamais haviam alimentado um famélico. As belas letras eram uma ocupação da Europa” (LE FIGARO, 21 nov. 1978). Como ele relatou, “eu parti porque, no início dos anos 1960, as pessoas de minha geração acreditavam que refaríamos o mundo a partir do Terceiro Mundo e não a partir da Europa. Quem de fato, fazia as guerras coloniais na África? Era a Europa. Quem havia feito as duas Guerras Mundiais? A Europa. O que podia se esperar da Europa? Nada. Era isso que pelo menos eu me dizia” (BOTHOREL, 1980).

Brasil — Rio de Janeiro

A chegada ao Porto do Rio de Janeiro é agitada com a permanente mobilização dos estivadores grevistas. Detrez já é obrigado a absorver o novo vocabulário das ruas que envolvia as palavras lúmpen e seu antônimo proletariado, ambas ausentes de seu dicionário português-francês (DETREZ, 1979, p. 85). Dirige-se ao Seminário São Sebastião, indicado pelo seu amigo brasileiro, onde é recebido por um bispo que quer recrutar apóstolos leigos desejosos de formar contra-sindicatos com os trabalhadores cristãos,

A tarefa era urgente, imperiosa; só isso poderia impedir que toda a classe operária caísse nas patas dos bolchevistas. O prelado morava a cento e cinquenta quilômetros do Rio, na cidade industrial de Volta Redonda, centro da siderurgia nacional e cidadela da CGT. O lugar era ideal para fundar o núcleo de uma futura central, para lançar a semente, para fincar a primeira estaca de uma contra-CGT cristã, pacífica, respeitosa, dizia com entusiasmo o superior, ainda escaldado pela greve. Ele sentia que eu era talhado para essa missão pioneira (DETREZ, 1979, p. 88).

Conrad passou a dirigir o carro do bispo, um Volkswagen 1200, doado pela Federação dos Industriais Católicos Alemães e, assim, teve o primeiro olhar para onde acabara de chegar,

O novo proprietário estava exultante, a Europa era eficiente, generosa, eu deveria dirigir seu veículo (...). Pilotei meu patrão pelas paróquias de sua diocese, vi fábricas; monturos, bananeiras, mendigos, futuros grevistas à espera de trabalho na porta das oficinas, milhares de crianças de todas as cores soltas nas ruas, nos terrenos baldios e na periferia da cidade. Vi montanhas de terra vermelha, planícies amarelas e um rio, o Paraíba, correndo entre as palmeiras com sua água poluída. Vi cachorros fornicarem correndo na frente dos carros (...) casebres cobertos de antenas de televisão e outros sem porta nem janela, outros ainda caiados e dedicados à celebração de todos os tipos de culto: batista, animista, adventista, espírita, macumba ou maçom. Vi um desfile de proletários de capacetes azuis (os fundidores, explicou-me o bispo), outros de capacetes vermelhos (os soldadores) e uma procissão de órfãos indo colocar buquês de gladiólos ao pé da estátua do presidente que fundou a usina. Vi quatorze igrejas em construção (...) e um prédio em

demolição. Vi mulheres pretas, brancas, mulatos andando de bicicleta em pé, de camisa desabotoada e descalços e, por toda parte, jogadores de futebol de dez anos. Rodei dias inteiros, levando o pastor para todos os caminhos de sua circunscrição, carreguei sua mitra, comi com ele frangos servidos nos presbitérios por jovens mestiças silenciosas, de olhos baixos, usando vestidos de seda branca. Provei compotas variadas e bebi todo tipo de sucos: laranja, caju, uva, limão, coco, grapefruit, maracujá, guaraná... Rezei, cantei hinos, vendi o jornal da diocese (...). Vi centenas de viúvas desdentadas chuparem o anel do monsenhor e lamberem-lhe os dedos. Ajudei algumas, mais velhas, incapazes de sair da atitude de prostração, a se levantar. Vi toneladas de imundícies acumuladas à beira das estradas, coqueiros derrubados, postes sem fio isolados, em pé no meio do campo. Vi cair a chuva, a mais quente, verdejar o mais alto capim e a florir *flamboyants* vermelhos como sangue. Respirei o cheiro das bananas apodrecendo no pé e escorreguei em cascas jogadas por todo lado: na rua, nas calçadas, na entrada das casas, e até mesmo dentro das igrejas. Ouvi cânticos, barulho de máquinas, gritos de urubus, discos de samba tocados na entrada das lojas e abafando com seus decibéis o concerto permanente de buzinas. O apito da fábrica me assustou, feriu meus tímpanos, mas tapei os ouvidos com bolas de algodão que retirava à noite, quando então eu ouvia o cantar dos galos em plena cidade. Vi vagões carregados de minério de ferro virarem asfalto numa passagem de nível. Rezei o terço, lavei o carro diariamente, pendurei pega-moscas na sala, na cozinha, na sala de fumo e no gabinete particular do bispo. Ajudei a missa, tive disenteria, emagreci. (DETREZ, 1979, p. 89-90).

Depois de um mês na casa do bispo, Conrad muda-se para a casa da sacristã e de seu filho, para espantar a solidão noturna, e vai morar na favela do Retiro com Dona Josefa e Eugênio. É lá que trabalha no preparo da futura capela, consertando barracos caindo aos pedaços, cavando valas por onde passaria a canalização (três quartas partes da favela não tinham água). Procurou, com Eugênio, companheiros para fundar a sua Liga Cristã, encontrando apenas três desempregados que torceram o nariz quando constataram que a presença às reuniões não era paga. “O trabalho de Eugênio na fábrica era à noite. Enquanto ele ganhava o pão, eu dormia em sua cama, uma espécie de caixote comprido colocado em cima de tijolos contendo um saco cheio de capim” (DETREZ, 1979, p. 91).

Paralelamente à chegada ao Rio de Janeiro, Detrez conhece um violento despertar sexual, já que, por razões religiosas, ele havia vivido na castidade. Com pouco tempo na favela já é seduzido e perde a virgindade com a sacristã de sua igreja proletária, Dona Josefa, que se atira sobre ele. Emprega-se na fábrica como descarregador, tarefa dura que exigia a mobilização de todas as suas forças para aplacar sua tentação ao pecado,

Descarreguei caminhões, vagões, carrinhos de mão, e até mesmo uma bicicleta que transportava no porta-bagagem três caixotes de bananas, cujo emprego em siderurgia nunca entendi. Carreguei sacos, vigas, embrulhos, tábuas, ferramentas. Fiz o carregamento de todos os meios de transporte existentes, desde o carrinho de mão até um avião que pertencia a um dos diretores, um velho teco-teco cujo motor fora substituído por um novo. Esvaziei, enchi, limpei hangares e pátios. Carregando ferro-velho arrebentei a unha do polegar, machuquei meu ombro, arranhei um joelho, mas estava feliz, aguentava tudo isso pela Liga. Eu escolhia uma tarefa dura, que exigisse a mobilização de todas as minhas forças: a tentação de pecar morria (pensava em Josefa, mas sem amor) (DETREZ, 1979, p. 93).

O seminarista dócil se transformava no homem engajado. A criança das salas gélidas do convento sentia seu corpo tornando-se adulto para “acordar sob as carícias lascivas dos trópicos” (SAENEN, 2016). A América latina aparecia como o espaço que oferecia as condições objetivas de uma experiência limite e transfiguradora do indivíduo. O seminarista conhecia a exaltação apostólica e mística, antes de se converter em libertino e revolucionário (LEFERE, 2001, p. 5). No Brasil, Detrez militou junto aos movimentos cristãos e marxistas. Mas é, sobretudo depois do golpe de 1964, que ele se lança como um homem de ação na atividade política.

Este ambiente é ao mesmo tempo intensificador e acelerador das experiências políticas, que, como ele afirma, depois de uma travessia a bordo de um navio e sacudido pelas tempestades, ele se vira naquela cidade de Volta Redonda, cheia de fuligem e de fumaça, trocando a Igreja pela política (DETREZ, 1979, p. 95).

A revolta estourara em meu coração, eu partiria para a subversão. As greves, que desde minha chegada ao país, não haviam parado, tornavam-se mais numerosas e políticas. Atingiam classes sociais novas: os

padeiros, os leiteiros, professoras primárias e, fato da maior gravidade, os marinheiros. Liderados por um cabo chamado Anselmo, eles tinham se reunido na sede do sindicato dos metalúrgicos. Juntos, e solenemente, tinham jurado declarar guerra ao governo se não instaurasse imediatamente a democracia nas fábricas e no exército. A revolta surgia em toda parte. O subúrbio, as fábricas ficavam paralisados seis dias por semana, sendo o sétimo o dia do Senhor. O centro da metrópole, as avenidas eram cenários de lutas travadas em meio a enormes engarrafamentos, buzinas disparadas, o porto era um amontoado de mercadorias fedorentas e apodrecidas, de bandos de ratos soltos [...]. Que sensação estranha! Eu viera para essa cidade para construir, voltava para destruir. Eu tinha vindo pregar a paz; voltava para cochichar nos ouvidos dos que outrora me escutavam, o oposto, trazia palavras de guerra. Minha missão consistia em circundar o monstro, em sublevar contra ele os homens que ele matava, em fogo brando ou às vezes brutalmente, jogando-os em bacias de lava ou em caldeiras. Lá ia eu, armado de papel. (DETREZ, 1979, p. 110-11; p. 136).

No Rio de Janeiro, testemunha o golpe de estado de 1964 e as medidas do regime nas primeiras horas,

A resistência durou vinte e quatro horas. Um locutor de rádio insurgiu-se contra o golpe de Estado, mandou tocar a Internacional e fez apelos em favor de uma greve geral. Sindicalistas e militantes marcharam sobre a cidade. Ouviu-se o barulho de caminhões, de carros e tanques passando nas ruas, intimidações, gritos, tiros e depois a emissora saiu do ar. À noite retomou suas transmissões. Um novo locutor declarava que a ordem estava restabelecida, a dignidade recuperada, a harmonia nacional e o prestígio internacional restaurados. As ruas estavam quase desertas. Soldados montavam guarda diante das fábricas, tanques cercavam o prédio central da universidade. A sede da CGT reduzira-se a quatro paredes negras e a da OTI a um monte de pedras fumegantes: as duas construções, já velhas, de tetos de madeira, tinham queimado como arbustos. Na baía estavam ancorados navios em cujos porões havia ministros e funcionários, estudantes, chefes de sindicatos e os marinheiros que tinham se aliado aos metalúrgicos. Rebocadores iam e vinham entre os navios e os cais, onde afluíam numerosos prisioneiros, levados em caminhões fechados com lonas, em camionetas da polícia,

em carros particulares acompanhados de jovens soldados de metralhadora em punho (...). Em meio à confusão daquele dia, (ele, o oficial) sabia apenas pouca coisa sobre os acontecimentos, já fora bastante complicado saber que ordens cumprir. A imprensa escrita e falada anunciava as medidas ditas de saneamento tomadas pelo novo presidente. Assim foi decretada a extinção de todas as siglas e movimentos correspondentes (...). Movimento destruído, os companheiros dispersados, voltados apenas para seu ganha pão, seus namoricos ou o futebol. Fernando arranhou um emprego no departamento de urbanização do Buraco da Viúva, para onde eu mesmo voltei depois de todos aqueles dias de greve. Juntos cavamos fossos, alargamos ruelas, limpamos caminhos, carregamos sujeiras. Terminado o trabalho, tínhamos medo de voltar para casa. As prisões se multiplicavam em toda a cidade, nos subúrbios e até no campo. Espancados, torturados, antigos companheiros podiam fraquejar e dar nosso endereço. Vivemos semanas no temor de ver nossa casa tomada de assalto por aqueles homens armados com gazuas, machucos, revólveres, que apareciam sem avisar, aterrorizavam, vestiam-se à paisana, mas se diziam policiais (DETREZ, 1979, p. 112-114).

No plano político, o ingênuo seminarista é imediatamente confrontado à complexidade de uma situação. Se a violência das estruturas político-sociais convoca ao engajamento, os dilaceramentos internos o deixam perplexo: os conflitos entre o lumpen e os sindicalizados, entre os sindicatos laicos e cristãos, querelas entre teóricos e práticos, entre escolas teóricas, desconfiança, enfim, raiva do povo ao olhar da luta revolucionária,

Onde encontrar forças para amar os oitenta milhões de famintos, cuja maioria, naquele país, nos odiava, a mim e a meus camaradas, mas por quem era preciso continuar a tudo sacrificar, a vida e a felicidade, para fazer deles, contra sua própria vontade, cidadãos cuidados, alimentados, esclarecidos — homens? Onde encontrar motivos para acreditar que conseguiríamos coragem para perseverar? (DETREZ, 1979, p. 159).

Embora rompesse com os dogmas religiosos, o vocabulário ainda vinha acompanhado de uma paixão pelo absoluto que passava hora pela religião, hora pela política, hora pelo sexo, como bem sublinhou Lefere (2001, p. 6),

Meu batismo político foi simbolizado pela entrega de um documento igual ao de todos os outros cidadãos e que mencionava minha nova identidade, meu nome e sobrenome de guerra, minha nacionalidade trocada e até mesmo uma nova idade, tendo o falsificador me rejuvenescido de dois anos ao retocar a fotografia. Decididamente a política me revirava, me desdobrava, me fazia morrer para mim mesmo muito mais que a religião. (DETREZ, 1979, p. 150-151).

Dolorosa é a sua educação política que mina o entusiasmo e vem completar-se à realidade extremamente brutal da repressão. É neste contexto que as convicções humanistas, cristãs ou marxistas se provam e que o engajamento amadurece com o risco de apodrecer. (LEFERE, 2001, p. 6).

O homem revoltado mergulhara na subversão, abandonando o sacerdócio para militar na luta armada. Clandestino, ele se tornara “seu próprio estrangeiro” (LEFERE, 2001, p. 61-62.). A ideia de “morrer para si mesmo” pressupõe, segundo Lefere (2001), um viver para o outro no sacrifício. No seu lugar, uma consciência moral é despertada, que desloca o conflito entre o bem e o mal numa relação entre o eu e a coletividade. O narrador inverte a lógica mística pela valorização do mundo humano, recusando, desta forma, o isolamento no amor de Deus e se abrindo para a realidade social. Detrez abandona a Igreja e escreve “um jovem que evidentemente não sobreviveria a seu Deus morreu dentro de mim, outro jovem nascera: falava outra língua, não rezava mais, amava seu corpo e queria estabelecer o céu na terra” (DETREZ, 1979, p. 136).

É assim, nesse contexto, que a violência destrutiva do Estado repressor brasileiro legitima a violência liberadora dos militantes, numa raiva fecunda e geradora que transforma. Seus primeiros contatos com os católicos de esquerda aproximam Detrez do movimento de alfabetização. “Depois do golpe de Estado, todos os movimentos da extrema esquerda foram colocados fora da lei. O que, bem entendido, nos radicalizou. Sem via legal, resta a resistência armada (...). Preso clandestinamente, em 1967, torturado, Detrez é expulso do Brasil e volta à França. Um estudante preso o reconhece na Vila Militar e alerta a embaixada belga, que mobiliza então a imprensa católica. “A Bélgica é profundamente democrática e o governo não poupou esforços para me libertar; teria feito isso para outros. Deste ponto de vista, a atitude do governo francês, no caso de Régis Debray, foi muito diferente”. Não conseguindo se adaptar em Liège, muda-se para Paris para viver junto de um grupo de refugiados políticos brasileiros. Era

maio de 1968, que o diverte muito, mas ele é um cético. Processado no Brasil em fevereiro de 1971 por sua atuação em Volta Redonda anos antes, Conrad Detrez é condenado a 02 anos de prisão, que não chega a cumprir (com pena prescrita em 1975), voltando clandestino ao Brasil, em 1969, para encontrar o dirigente revolucionário Carlos Marighella, em sua última entrevista em vida. Se estabelece em São Paulo, com a cobertura legal de jornalista da *Folha da Tarde*, setorista internacional, convidado por seu amigo dominicano Frei Betto¹².

Em São Paulo, eu me liguei ao grupo de Marighella, que voltava de Havana (...) Marighella me pede para fazer exatamente o que Guevara pediu a Régis Debray, ou seja, explicar na Europa, nossa luta e suas razões. Já que a censura no Brasil é total, é necessária quebrá-la do exterior. Além disso, os meios de informações americanos nos apresentam como terroristas vulgares, quando nós somos resistentes, *maquisards*. Então, eu faço um trabalho de contra-propaganda e eu volto à Europa com uma longa entrevista do líder guerrilheiro. Nós estamos em janeiro de 1970. Eu não permaneço na França. Eu vou para a Argélia em 1971, onde se estabelece o grupo de resistência exterior brasileiro. É lá que se confecciona o jornal da resistência, e eu trabalho durante um ano, até o fim do grupo por divergências internas (BOTHOREL, 1980).

Detrez trabalha, também, como professor cooperante de francês e espanhol. A Europa só lhe suscita aversão. “O Velho Mundo vive por duas coisas: se unificar, consumir (...). Nem meu círculo, nem minhas leituras e menos ainda o Brasil me ensinaram a me contentar a ser um tubo digestivo. (...) (DETREZ, 1981, p. 102). A imagem de uma Europa enfadonha e fúnebre opunha-se a um Brasil caótico e violentamente contrastado, mas transbordante de vida (LEFERE, 2001, p. 471-481), sentimento levado para suas traduções para o francês do ensaio de Dom Helder Câmara, *Révolution dans la paix* (1972) e de dois romances: *Les Pâtres de la nuit*, de Jorge Amado (1970) e *Mon pays en Croix*, de Antônio Callado (1971). 1972 é a data da publicação pelas edições Vie Ouvrière de seu segundo ensaio, *Les Mouvements révolutionnaires en Amérique latine* (LE FIGARO, 21 nov. 1978).

Seus vínculos culturais, então, com o Brasil já são muito fortes, para além da militância e do amor, feito de valores e fidelidades culturais, que prescindem da revolução. Detrez foi fiel à cultura brasileira da qual se sentiu muito próximo pela sua mistura de real e imaginário, assim como

sua “autobiografia alucinada”¹³. Em 1982, numa entrevista para a *Magazine Littéraire*, ele fala do processo de “aculturação” que se opera então durante sua permanência em Volta Redonda e no Rio de Janeiro, no ambiente dos bairros operários onde ele vivia e dos intelectuais-militantes que ele frequentava. O autor se interessa pelas narrativas de cordel, que veicula os velhos mitos do sertão, e pelos episódios da luta dos escravos. Ele conhece o messianismo vindo de Portugal, o animismo de origem africana, as religiões populares. Iniciado ao culto, à umbanda, torna-se ele mesmo filho de Ogun (...). Detrez parece estar perfeitamente integrado à cultura afro-brasileira. Como afirmou, “essa cultura fundada sobre o mito da antropofagia me devorou progressivamente” (MAGAZINE LITTÉRAIRE, 1982, p. 7-8). A experiência brasileira exerceu uma influência importante no seu processo de escrita. Os cinco anos vividos no Brasil (1962-1967) marcaram profundamente sua vida e sua obra cujo universo romanesco está impregnado da cultura mestiça da Bahia. Conrad Detrez se sentia atraído pela expressão mestiça da cultura brasileira,

O Brasil branco me parecia muito conformista, providencial e pequeno burguês. Eu achava que as obras fortes se alimentavam dos valores, das imagens, das formas e dos sons elaborados pelos descendentes de escravos ou pelos brasileiros mestiços biológica ou culturalmente. A esse título nada se igualava em riqueza à bossa nova e quase toda a MPB (Música Popular Brasileira). Nada se igualava em força à poesia de João Cabral de Mello Neto e aos romances de Jorge Amado (em particular os primeiros), de José Lins do Rego e, sobretudo, de Guimaraes Rosa, cantor épico do mundo caboclo (o universo do camponês misturado ao português, negro e índio) e da velha Minas Gerais fascinante reserva do Brasil profundo (MAGAZINE LITTÉRAIRE, 1982, p. 24).

A literatura brasileira teve certamente uma influência na formação do homem e do escritor Detrez. Um livro, em particular, que curiosamente não está entre seus preferidos, mas ocupa um lugar significativo nessa formação, por seu papel de espelho no processo de revelação da identidade do escritor, é o romance *Quarup* (1967) de Antônio Callado, o primeiro romance a colocar em cena a realidade brasileira sob a ditadura. Esta obra conta a história de um ex-padre que descobre o sexo e que se engaja politicamente escolhendo a guerrilha. O itinerário de Nando, o protagonista de *Quarup*, evoca de muito perto aquele do narrador de *L’Herbe à brûler*.

Beneficiado pela anistia outorgada pelo governo brasileiro aos condenados políticos¹⁴, Detrez retorna ao Brasil em 1981, viagem que se desdobrará em uma reflexão retrospectiva sobre sua trajetória no livro *Les Noms de la tribu* (sem tradução no Brasil), sobre sua “tribo”, qual seja,

Minha geração encontrou combates inteiramente novos (...). O velho Mundo tinha cometido crimes inéditos (...). Na ordem moral, esse mundo, esse mundo tinha perdido (...). Era na África, na América Latina, na Ásia e apenas ali que refaríamos o homem. Eu contei como eu me engajei. O traço é comum às pessoas de minha tribo que cultivam esses valores desusados: a necessidade da justiça, a sede de conhecimento, algumas vezes o gosto pela escrita, que melhor do que a ação traduz as nuances da política. Ela não ignora a honra, a vagabundagem e a in-submissão. Ela é pouco numerosa, minha tribo e seus membros envelhecem: a geração dos primeiros terceiro-mundistas tem hoje quarenta anos (DETREZ, 1981, p. 132).

Les Noms de la tribu é o testemunho tardio sobre os anos da militância política de Detrez, que nos revela o mundo desencantado de um ex-militante que se confronta tanto com as lembranças romantizadas dos militantes clandestinos mortos, quanto com a realidade patética dos rebeldes que sobreviveram, e que se converteram nos últimos anos à ecologia, à cozinha macrobiótica, às drogas, à expressão corporal e à bissexualidade (DETREZ, 1981, p. 71).

Desiludido desde a adolescência com a experiência religiosa, depois pela realidade política sul-americana e traído pela política dos homens e pela sua incapacidade de permanecerem fiéis aos ideais revolucionários, Detrez reorientou sua experiência de combate em direção à análise das dinâmicas sociais (como testemunham seus muitos artigos escritos na imprensa belga e francesa). Este militante belgo-brasileiro preserva da prática revolucionária apenas seu princípio ético, sua pedagogia contestatória a partir da qual trata de compreender a realidade (PELLEGRINI, 2005, p. 118). Escolher o engajamento político num Estado autoritário significava também percorrer um caminho de mártir onde não se escapava da confrontação com a morte. Uma paz que Detrez só pôde encontrar na possibilidade de vitória da revolução, ou numa doença terminal, como foi a AIDS para ele (OLIVIERI-GODET, 1996, p. 62) e sobre a qual escreveu, “a doença veio em meu socorro. Agora estou aqui, derrotado, mais próximo da morte. Finalmente encontrei a via.

Eu entrevejo um caminho. O caminho deveria conduzir a um espaço novo, uma geografia. A beleza tem a sua, que tira vantagem do relevo na vizinhança da morte” (PAIVA, 1992, p. 27).

Um carnaval bissexual

Em entrevista a Jean Marc Barroso, Conrad Detrez, falou sobre sua descoberta do sexo na realidade política e erótica do Rio de Janeiro,

O clima muito erótico do Rio, uma certa indolência, uma liberdade de costumes muito grande, tiveram sobre mim um efeito revelador muito rápido, que faz com que eu possa falar de explosão sexual (...). Os fenômenos culturais de massa como o carnaval, uma espécie de grande festa dionisiaca, desempenharam também seu papel. Essas festas populares são marcadas por um fervor sexual muito grande, uma grande sensualidade; tudo isso me empurrou para o sexo sob sua dupla forma: homossexual e heterossexual (BARROSO, 1980).

Sobre essa grande festa brasileira, Detrez sabia apenas que as pessoas o chamavam de “folia”. Mas, como ele mesmo pôde comprovar, aquelas quatro noites eram mesmo de loucura, que podiam enlouquecê-lo por muito mais tempo ainda. Seu olhar inicial foi de mero expectador, para depois se converter, numa experiência carnavalesca em seu estado bruto, primário e imediato,

Todo esse período se passa na maior desordem, ao som de uma cacofonia de instrumentos estranhos, sininhos sem badalo batidos um contra o outro, chocalhos, pedacinhos de pau, uma espécie de tambor de ferro revestido de pele macia que os jovens puxam, fazendo enormes barulhos de sucção, milhares de tambores de todos os tamanhos em todas as esquinas, em plena avenida e marcando o requebrar da multidão, um acotovelamento de três milhões de homens e mulheres, crianças, velhos, pobres, ricos suando em bicas e vestidos ou com uma pétala de flor ou com imensos vestidos rodados, librés ou smokings cor-de-rosa, a cabeça enfeitada com tudo o que se possa imaginar: abacaxis de papel colorido, tiaras, panelas, perucas de marquês (...) toda essa multidão pulando na poeira, esfregando-se uns nos outros sob um calor de derre-

ter o asfalto das ruas. E gritam, e bebem, se beliscam, dão cambalhotas e formam filas serpenteantes de sambistas que se enrolam, se desenrolam, formam uma roda em volta de uma moça ou de um rapaz, apertam, apalpam, excitam e depois vão embora. Agarram-se; beijam-se e se separam tão alegremente como se abraçaram. Afastam-se ante o desfile das escolas de samba, ante a passagem dos reis e rainhas de um dia, poderosas negras com vestidos cheios de pérolas e fitas, os seios apertados em corpetes bordados de prateado, os ombros escondidos por capas de seda, e trazendo na cabeça os mais variados adereços, chapéus de criança, chapéus de madame, globos terrestres, cortejo de príncipes e princesas negros como carvoeiros, usando calças brancas, meias brancas, luvas brancas, sobrecasacas brancas, calçando sapatos com fivelas de prata, escoltados por seus escravos de todas as raças: louros, morenos, mulatos, índios, com uma argola de ouro na orelha e quase nus, fazendo piruetas sem tocar o chão; escoltados também por centenas de pajens de pele cor de cobre ou de carvão, vestindo roupas de botões dourados, coletes bordados, camisas rendadas, rodopiando, leves como pássaros; escoltados enfim, por sacerdotisas, imensas, vivas guardiãs dos ritos e do passado, transportadas por seus deuses, secretamente, à noite dos subúrbios de Cotonou, Port-au-Prince, Luanda, Lagos e Bahia a fim de manter os laços e o fervor pelas antigas crenças, e trazidas de volta para balançar nas ruas do Rio suas vastas saias rodadas e os chalés verdes ou amarelos, ou azuis ou vermelhos, dependendo da cor do espírito, o pescoço, as costas, os seios enormes escondidos por vinte voltas de colares de contas de ouro, de esmeralda, de jade, as coxas escondidas sob amplas saias brilhantes pesadas, os braços envoltos em argolas de prata, os pulsos carregados de pulseiras tilintantes como uma penca de chaves (...) uma multidão brilhante e barulhenta indo, vindo, se desfazendo e se recompondo, parando para urinar ali mesmo e tornando a partir, a saia de crinolina ou a calça de seda inundados. Sentia-me perdido nessa multidão esfuziante e ululante, que balançava na rua e nas calçadas como milhares de barquinhos floridos, toda essa gente se pavoneava, formava filas entre os cachos humanos e batia com as mãos, deslocava-se, cada um rodopiando como louco, e deixando-se absorver por outra leva de sambistas (DETREZ 1979, p. 102-103).

Desde então, Detrez vivera outras vidas, aprendera coisas novas e transtornantes. Lera livros proibidos e conhecera amores mais decisivos

“que aqueles naquele palácio sem-graça, me faziam ficar de vigília, ajoelhado ao pé de minha cama, e em nome dos quais eu castigava meu corpo”. (DETREZ, 1970, p. 136).

Sentia-me perdido e incapaz de me entregar ao movimento [do Carnaval], quando duas mãos abateram-se sobre mim, me agarraram, carregando-me para um grupo de gente jovem muito morena, descalços, usando pareôs, e então me deixei levar, ser jogado, tiraram minha camisa, amarraram-me em volta de minha cintura, colocaram em meu pescoço um colar de papoulas de papel crepom, fizeram-me rodar, pular. Segui, levado pelo grupo, e, no atropelo, uma jovem apertou-se contra mim, os seios mal contidos pelo sutiã, uma simples fita azul-claro enfeitada com uma papoula de rafia. A moça enfiou a coxa entre as minhas pernas, colocou sua boca à minha, empurrou-me sem se afastar de mim, para junto de uma porta recuada. Ali, na penumbra, cedi, minhas mãos percorreram, febris suas costas, suas nádegas, botei meu sexo para fora. A moça chupou-o, mexendo com as mãos em meus pelos, meus ovos, bombeou-me enquanto meus dedos lhe acariciavam o rosto e o contorno dos lábios. Descarreguei meu esperma, torturado por um prazer insuportável e delicioso, uma dor indescritível, porém boa, gemi um gemido rouco, como se estivesse arrancando-me os órgãos e as tripas do baixo-ventre. Minhas pernas dobraram, titubeei; a moça escapou de minhas mãos. Estonteado, morto de calor e de sede, corri para a frente. Esbarrava nas pessoas, decidido a encontrar a minha chupadora; ela sumira. Fiquei plantado feito bobo durante alguns segundos, outro grupo me carregou, um grupo que passava de mão em mão garrafas de cerveja morna; bebi longamente, avidamente, regando meu peito. Minha cabeça começou a rodar, os tambores, a dança me deram vertigem, caí em diversos braços antes de tocar o chão. Voltei a mim à noite, numa praia? O barulho dos tambores, as percussões longínquas, abafadas, dos instrumentos metálicos chegavam a meus ouvidos misturadas com o barulho das ondas. Tinha a impressão de estar saindo de um sonho. Sacudi a cabeça, esfreguei os olhos, sentei-me: estava nu. Envergonhado, tapei minhas partes com as mãos. Uma mulher veio correndo, ela também completamente despida. Seu corpo brilhava, ela estava saindo da água, sentou-se perto de mim. Minhas roupas estavam dobradas junto das suas. Dezenas de casais descansavam, dormiam ou se acariciavam no escuro. Outros se despiam entravam no mar, banha-

vam-se. Ela propôs tomarmos um banho. Mergulhamos juntos, ela me abraçou, nós caímos, rolamos dentro da água. Eu a penetrei em pé, as ondas quebrando suavemente em minhas costas, acariciando-me as nádegas, a espuma envolvendo nossos corpos com uma fita clara e fragmentada. Voltamos para a praia e nos deitamos naquela areia mole, esponjosa, cheia de buracos com água. O corpo da mulher imprimiu-se no solo, eu trepei, naveguei indo e vindo entre as suas coxas, enfiando-me novamente dentro dela, os membros e as costas lavados pelo fluxo e refluxo das ondas. Rimos, trememos, arfamos. Inundados por uma onda mais forte, morna e deliciosa, nos mordemos de prazer e gozamos. Caí estendido ao seu lado, feliz, leve, deixando-me submergir pela maré. Refrescados pela água, limpos como conchas, voltamos para junto de nossas roupas. Adormecemos lado a lado, sob um céu muito escuro apesar das estrelas. Acordei com o sexo ereto, virei-me, as pálpebras meio fechadas, pesadas de sono e estendi a mão, afastei as coxas da banhista estendida ao meu lado, penetrei-a. Seu corpo remexeu sob o meu. Ela gemeu com uma voz estranha, irreconhecível, uma voz de velha. Abri os olhos: era uma velha. Saí bruscamente de dentro dela. A primeira banhista tinha se volatilizado, outra carnavalesca tomara o seu lugar. A carnavalesca quis me segurar junto a ela, apertou meu sexo em sua mão enrugada, ossuda, mas ele estava mole. Um súbito nojo, a ideia de que eu estava perdido gravemente perdido, invadiu-me. Empurrei a velha como se fosse um bicho doente, peguei minhas roupas, fugi. Fui me vestir mais para lá, junto do molhe. O estupro me torturava. Em vinte e quatro horas eu apodrecera tão profundamente, tão intimamente quanto outras pessoas em toda uma vida... O remorso me torturava, minha alma se retorcia. Pensei em correr para uma igreja, me confessar, expiar. Todas fechadas (DETREZ, 1979, p. 102-105).

É emblemático como a narrativa de Detrez circula num espaço de “tentação” e “queda”, feito de sensualidade e de crueza, ligada à especificidade da cultura afro brasileira, ao culto do corpo, da dança e do ritmo. A sexualidade em *L’Herbe à brûler*, entretanto não é “luminosa”, ela mesma, como seu narrador, teve que “compor” com o catolicismo, o que a enriqueceu, mas também condicionou seu erotismo, alimentando o preconceito contra a homossexualidade naturalmente mais aceitável (DETREZ, 1979, p. 141). A homossexualidade no romance aparece como uma experiência sexual que ocorre no limite físico e espiritual do homem, marcada pelo sofri-

mento e remorso de um “amor” problemático (LEFERE, 2001, p. 5). Não é surpresa, porém, que a experiência decisiva no plano hetero e homossexual seja a do carnaval do Rio, do qual o autor confirma a imagem estereotipada ao mesmo tempo em que a coloca em questão: “pessoas não mentiam, não estavam exagerando: aqueles dias e noites foram de loucura” (DETREZ, 1970, p. 101). Há na narrativa uma atração pelo perigo que engendra a degradação da personagem. Dilacerado pelo conflito entre seu corpo e sua alma, a experiência do sexo será vivida como uma espécie de descida aos infernos, e a sua descoberta será abrupta e violenta, sendo ela um dos dois principais suportes (o outro sendo a política) do simbolismo ético da luta entre o bem e o mal, entre a salvação e a danação, próprios do pensamento religioso. Lefere identificou na “maior festa popular brasileira” as características de uma “escrita apocalíptica” de Conrad Detrez, quando a experiência do carnaval aparece em muitas páginas de sua narrativa como enunciação caótica, desenvolvendo-se na desordem e numa atmosfera sexual desenfreada, mas que é a única experiência que não frustra a expectativa do narrador, e cuja imagem idealizada corresponde ao real (LEFERE, 2001, p. 61). Amor louco que libera a selvageria dos instintos, vividos nos limites de sua força destrutiva, reaproximando dor e prazer, como fica claro neste longo trecho de sua descoberta homoafetiva,

Esmagado por meu pecado infeliz, eu daria dez anos da minha vida, de minha juventude em troca da contrição perfeita. A angústia me sufocava, e minha necessidade de apaziguamento era tal que eu disse a mim mesmo que nessas formicações eu talvez não tivesse agido com pleno conhecimento nem total consentimento. Afinal de contas, o carnaval me enfeitiçara. Havia abusado de mim, os sambistas tinham me atacado, as mulheres tinham me violado. Daqui por diante eu fugiria dos carnavalescos, ficaria na minha favela. Me trancaria sozinho na capela, abriria o tabernáculo, me exporia ao santo sacramento e rezaria dia e noite até que Fernando voltasse. Voltei para o Buraco da Viúva, rezei. O desejo de falar, de me confessar imediatamente a Fernando levou-me de novo à cidade. Tornei a mergulhar no burburinho selvagem, ululante da festa (...). Segui os desfiles das grandes e das pequenas escolas de samba, na esperança de encontrar Fernando. Encontrei-me numa sala onde tocava uma orquestra tonitruante, composta apenas de tambores e trompetes e na qual pulavam, balançavam, enlaçados como namorados, centenas de rapazes. Aquilo que me parecia a coisa mais louca

nessa folia carnavalesca, aqueles casais, aqueles trios, aqueles bandos de machos que se beijavam, se esfregavam, com o sexo ereto por baixo do pareô. E a loucura me contagiou. Atirei-me ao pescoço de meu companheiro, apertei meus lábios contra os dele. Fernando cuspiu, repeliu me praguejando. Virei de costas, desfalecendo de vergonha, nauseado; ele me agarrou, apertou-me contra seu torso inundado de suor, de cerveja, pôs as mãos na minha testa, pediu-me perdão, beijou-me longamente. Nossas línguas se misturaram. Ele me acariciou, puxou-me para um canto, me espremeu de encontro à parede. Fernando me esmagava com seu corpo. Através da tanga do seu sexo se esfregava no meu. Juntos arquejávamos de prazer. Meu amigo e eu ejaculamos ao mesmo tempo. Caímos de joelho um em frente ao outro, ainda abraçados, molhados, banhados em seu forte cheiro de negro, e nos olhamos de frente. Uma sensação desconhecida, um bem-estar, uma felicidade indescritível tomara conta de mim. Meus olhos ficaram marejados, minhas lágrimas correram. Fernando me perguntou o que eu tinha. Tive medo que ele risse de mim. Não tinha nada, respondi, mas achei que eu o amava. Fugimos do botequim, continuamos o carnaval na favela, introduzimos a loucura no interior do nosso barraco. Fernando e eu perdemos a cabeça, atiramo-nos um sobre o outro como gatos selvagens. Brincamos com patas de veludo e patas de ferro, nos farejamos, nos acariciamos, nos mordemos. E rolamos no chão, nos enlaçamos (...). Meu companheiro e eu nos beijamos. Mordiscamos nossos pelos, nos lambemos, nos arranhamos. Meu amigo me prendeu bruscamente entre suas pernas, abriu minhas nádegas, me penetrou. Urrei de dor. Minha carne, minha pele se rasgaram. Sangrei, gritei que o amava, que ele estava me matando, que estava doendo, doendo muito, e que eu me entregava. Meu esperma jorrou sob mim, meu sangue escorreu por minhas coxas. Dormimos, comemos, nos amamos num cheiro de sangue seco, de suor, vivemos dois dias numa mistura de lágrimas e de jogos, de carícias muito suaves e perigosas, sentados, deitados, em pé, cometendo todos os desregramentos, todos os excessos que nossa imaginação pudesse conceber, excessos que nos teriam levado à morte se o carnaval não tivesse terminado. Os últimos batuques de tambor ecoaram na favela, o dia amanheceu. Fernando me empurrou para o lado, declarando que a folia acabara, que chegara a quaresma, que agora era preciso esquecer (DETREZ, 1979, p. 105-107).

Embora o sofrimento e o prazer tenham vencido a religião, a sensação de remorso se instalara no narrador. Sua sexualidade, apenas desperta, já era corrompida e impura. (...). A simbologia da destruição e da regeneração está sugerida mesmo no título do livro, *L'Herbe à brûler*, evocando e se opondo à metáfora bíblica da fé, “o arbusto ardente”. É uma narrativa de uma perda, a da morte de suas antigas crenças, mas também a narrativa reveladora de um homem novo (OLIVIERI-GODET, 1996, p. 59).

O tema do carnaval e do erotismo homossexual também ocupou as observações de Conrad Detrez sobre o Brasil urbano. Como bem destacou Trevisan (2018), Detrez falou sobre as relações entre a religião católica e o machismo brasileiro. Notou que os machões se afastam da prática religiosa porque, bem ou mal, são sensíveis à dimensão homoerótica dessa exuberante religiosidade católica em que um homem é levado a se interessar por outro homem até o ponto de ir adorá-lo num templo. Ele identificava na espiritualidade cristã um componente homossexual, pedindo ao jovem cristão masculino para amar e adorar esse Homem-Deus e, eventualmente, de se consagrar a ele. Segundo Detrez, algo parecido ocorria no carnaval. Durante os quatro dias de folia e permissividade, era muito comum os homens se travestirem e se relacionarem sexualmente entre si, mesmo quando levavam uma vida de organização heterossexual. Se é verdade, que após esses parênteses voltavam ao seu dia a dia comum, Detrez notava aí uma indiscutível evidência da disponibilidade bissexual do homem brasileiro, fato que verificou também em outros países de exacerbada organização patriarcal, fossem latinos ou árabes. Quanto às relações entre política e homossexualidade, conforme sua vivência no Brasil, Conrad Detrez aludia à mesma ambiguidade machista. A partir de sua experiência com os guerrilheiros, descobriu que o engajamento político e o desejo de poder desempenham um papel muito importante na afirmação da virilidade dos militantes brasileiros. Claro que não podiam admitir que um homossexual (enquanto estereótipo frágil) quisesse exercer esse poder só reservado aos machões. Nesse contexto, evidentemente, Detrez foi obrigado, sem sucesso, a ocultar sua vida homossexual. Aliás, dentro de tais grupos clandestinos, ele contava que conheceu um significativo número de lésbicas, muitas vezes disputando posições de liderança com machões heterossexuais. Detrez sentia na experiência guerrilheira uma grande dose de ambiguidade homoerótica já a partir do culto a Fidel e Che Guevara. Relatou, inclusive, o caso de um guerrilheiro que era castrista, “porque achava Fidel bonito”. Vale lembrar que, num país de religiosidade barroca como o Brasil, a

figura de Che Guevara morto na guerrilha boliviana funcionava um pouco como a imagem do Cristo crucificado, fato que Detrez considerava muito típico na história latino-americana, em que Cristo aparecia várias vezes como guerrilheiro. Ainda nesse contexto de ambiguidade entre política, religiosidade e homoerotismo, Detrez percebeu que o interesse político pela classe operária muitas vezes nascia de um envolvimento emocional — fato natural, considerando que foi sua relação afetiva com Fernando que o despertou para a realidade brasileira. Como ele mesmo admite em texto: “Foi graças à minha homossexualidade que descobri a questão operária, graças a ela eu me insurtei contra o fascismo”¹⁵. *L’Herbe à brûler* é a crônica de um amadurecimento doloroso, de uma conquista de espaço e da experiência do mundo para o qual vários escritores no século XIX exploraram, se referindo igualmente ao mito da América, local de evasão e pátria da liberdade e do exotismo, *topoi* privilegiados da instrução fantástica. Mas, em nenhum lugar, porém, Detrez encontrou seu lugar, apesar da amplificação dos espaços: casa familiar, estradas de Louvain, o Atlântico em direção ao Brasil. Vagabundo ou banido, ele relata: “E eu, sempre a errar entre os escombros de minhas velhas crenças, os escombros do sexo, da política. Fugir, eu devia fugir” (DETREZ, 1986, p. 35). Na sua narrativa existe um dualismo cristão entre o bem e o mal, mas que Detrez tenta ultrapassar, assumindo o corpo e suas pulsões, assim como a ambiguidade de sua experiência sexual, que na sua expressão maior é passiva e não viril,

Detrez foi religiosamente passivo na obediência eclesiástica narrada na *Les Plumes du coq* e retomada até a ruptura com o catolicismo de esquerda do qual ele se sentia um missionário laico e cujo retrato mostra no *L’Herbe à brûler*. Esse mesmo romance nos faz conhecer a transição política e militante de Detrez nos grupos revolucionários clandestinos, durante a ditadura militar no Brasil. Com efeito, a militância requer tanta obediência servil às ordens de um superior invisível, de uma “plataforma”, e de sua eficácia e discrição. Detrez ama sublinhar a passividade de sua sexualidade, quais sejam seus parceiros: a dançarina no carnaval do Rio de Janeiro, a viúva da favela, Fernando, o “negro com quem ele descobriu o amor dançando samba” e tantos outros personagens com os quais cruzou no seu périplo, que o influenciaram, reestruturaram, remodelaram à medida de seus encontros, experiências, opiniões e convicções (OLIVIERI-GODET, 1996, p. 56).

Ou feita de uma necessidade de apaziguamento interior, considerando a festa e a vertigem carnavalesca um acidente tropical, “a angústia me sufocava, (...) que eu disse a mim mesmo que nessas formicações eu talvez não tivesse agido com pleno conhecimento nem total consentimento. Afinal de contas, o carnaval me enfeitiçara” (DETREZ, 1979, p. 105).

Notas

1 Este artigo é um desdobramento de minha pesquisa de Pós-doutorado realizada junto ao Instituto de Altos Estudos da América Latina (IHEAL/Sorbonne), com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Processo nº 9593-11-0. A investigação teve continuidade junto ao Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). Dedico este trabalho ao amigo e jornalista do *Le Monde*, Michel Lefèvre, que me deu acesso ao material jornalístico produzido por Conrad Detrez na França e na Bélgica e foi um entusiasta desta pesquisa.

2 DETREZ, Conrad. **L'Herbe à brûler**. Paris: Calmann-Lévy, 1978 e DETREZ, Conrad.

Les Noms de la tribu. Paris: Seuil, 1981.

O primeiro livro dedicado ao Brasil teve tradução em português com o nome *O Jardim do Nada* e foi publicado no ano de 1979, pela Editora Civilização Brasileira.

3 Entrevista concedida por Carlos Marighella ao Semanário *Front*, em 03 nov. 1969.

4 O livro foi imediatamente proibido por Raymond Marcellin, então Ministro do Interior da França. Este episódio ficou conhecido como a “barricada dos editores”. Um mandado de março de 1970 impediu a venda da coletânea de textos do antigo deputado comunista brasileiro, Carlos Marighella, publicado pelas edições do Seuil. Num comunicado, as edições do Seuil, considerando a postura do Ministério do Interior como um atentado à liberdade do público, reuniu-se em ação coletiva com vinte e três outras editoras para a reedição do livro. As vinte e três editoras foram: Aubier-Montaigne, Christian Bourgois, Buchet-Chastel, Le Centurion, Le Cerf, Armand Colin, Esprit, Flammarion, Gallimard, Grasset-Fasquelle, Pierre Horayn Denöel, Robert Laffont, Magnard, François Maspero, Mercure de France, Editions de Minuit, Robert Morel; Jean-Jacques Pauvert, Pierre Seghers, Le Seuil, Claude Tchou, La Table ronde.

5 *L'Herbe à brûler*, transformado em *O Jardim do Nada*. DETREZ, Conrad. **O Jardim do Nada**. Tradução de Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

6 Por questões de espaço não poderemos falar de cada um e de suas ricas experiências. Para mais informações, ver Valet (2008).

7 A CODEARA foi uma empresa agropecuária que se instalou na região, invadindo terras e impedindo o desenvolvimento da Cooperativa Agrícola Mista do Araguaia, que reunia trabalhadores e posseiros na área.

8 PEREIRA, Hamilton. Mensagem Pessoal. Brasília-DF. Mensagem recebida por “Autor”, em 24 de setembro de 2008.

9 O *Projeto Brasil Nunca Mais* indica um número de nove religiosos estrangeiros que foram expulsos do Brasil naquela época. Podemos citar alguns que tiveram problemas com a Justiça Militar (1968-1980), como os padres François Jentel, Honoré Talpe, Joseph Comblin, Padre Soligo, Padre Wauthier, Alípio de Freitas, Francisco Carlos Velez Gonzales e Vito Miracapillo. Este último foi expulso, em 1980, por se recusar a rezar uma missa em homenagem à Independência do Brasil. Para mais informações, ver Miracapillo (1981).

10 ENTREVISTA concedida por Carlos Marighella ao Semanário francês *Front*. O Brasil será um novo Vietnã. **Front**. Publicado em: 3 nov. 1969 (mimeo).

11 Para mais informações, ver: KOWSKA (2004).

12 BETTO, Frei. **Entrevista concedida à Maria Cláudia Badan Ribeiro**, em 04 mai. 2012, na cidade de São Paulo, 2012.

13 Detrez qualifica seus três romances de “autobiografia alucinada”. Esta “fórmula” é profundamente reveladora, pois reúne dois mundos antinômicos. O termo autobiografia remete a uma veracidade seca e factual. Ao contrário, alucinação conota à febre, ao transe, ao delírio e à fantasia. “É próprio do alucinado ver além do que é”, por isso Detrez se apropria dos mitos e dos símbolos (DUBOIS 1988, p. 167)

14 “Na realidade, o Tribunal Militar do Rio de Janeiro, me condenou à revelia, a dois anos de prisão. Esta pena eu não cumpri, pois eu consegui fugir do país a tempo”.

15 Detrez, em entrevista a Jean-Marc Barroso, também tratou da relação da sexualidade com a ação política e do desejo da militância de uma virilidade monolítica. Para mais informações, ver Barroso (1980).

Referências bibliográficas

- ALVES, Márcio Moreira. **O Cristo do Povo**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968.
- BARROSO, Jean-Marc. Fièvres et combats de Conrad Detrez. Du mysticisme à la révolution et à l'homosexualité: itinéraire d'un écrivain baroque et militant. **Le Monde**, 23/24 mar., 1980.
- BENOÎT, Denis. **L'Intellectuel et ses fables**: Histoire de la Littérature belge, 1830-2000. Paris: Fayard, 2003.
- BOTHOREL, Jean. Dieu, La révolution, le sexe. Entretien avec Conrad Detrez. **Le Matin**, Publicado em: 12 out. 1980.
- BRULLER, Jacqueline Bruller. Romance Documento. **Jornal do Brasil**. Publicado em: 25 nov. 1978.
- CHABROL, Arlette, **Jornal do Brasil**, terça-feira, 21 nov. 1978.
- CHANU, Marie-Dominique. Préface. In: COSMAO, Vincent. **Dossier Nouvel Ordre Mondial**: Les chrétiens provoqués par le développement: Paris; Chalet, 1978.
- CLIFF, Willian. **Conrad Detrez**. Paris: Éditions le Dilettante, 1990.
- CONRAD Detrez au Brésil. **Le Monde**. Publicado em: 27 abr. 1980.
- DETREZ, Conrad. **Pour la libération du Brésil**. Paris: Seuil, 1970.
- _____. **Les Mouvements révolutionnaires en Amérique Latine**. Paris: Vie Ouvrière, 1972.
- _____. **Ludo**. Paris: Calmann-Lévy, 1974.
- _____. **Les Plumes du coq**. Paris: Calmann-Lévy, 1975.
- _____. **L'Herbe à brûler**. Paris: Calmann-Lévy, 1978.
- _____. **O Jardim do Nada**. Tradução de Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. **Les Noms de la tribu**. Paris: Seuil, 1981.
- _____. **La Mélancolie du voyeur**. Paris: Denoël, 1986.
- DUBOIS, André-Joseph. Lecture. In: DETREZ, Conrad. **Ludo**, Bruxelles: Éditions Labor, 1988.
- GAUCHER, Roland. **Le Réseau Curiel ou La subversion humanitaire**. Paris: Éditions Jean Picollec, 1981.
- JOSÉ, Emiliano. **As asas invisíveis do padre Renzo**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.
- KOWSKA, Agnieszka Pant. Conrad Detrez — La belgitude en “Je” et en jeu. **Studia Romanica Posnaniensia**, V. 31, Poznań, 2004.
- LEFERE, Robin. L'Amérique latine dans l'oeuvre romanesque de Conrad. **Revue de Littérature Comparée**, v. 3, n° 299, p. 471-481, 2001.
- LE NICARAGUA et le Popol-Vuh. Entretien avec Conrad Detrez. **Révolution**. Publicado em: 12 jan. 1984.
- LUKASZYK, Ewa. **Les propriétés de l'imaginaire dans le cycle autobiographique de Conrad Detrez**. Lublin: Uniwersytet Marii Curie – Skłodowskiej, 1997.
- MARIN, Richard. **Dom Helder Câmara. Les Puissants et Les Pauvres**. Paris: Les Éditions de l'Atelier, 1995.
- MIRACAPILLO, Vito. **Il Caso Miracapillo**: Paradigma della tensione tra stato e chiesa in Brasile. Bologna: Editrice Missionaria Italiana, Quaderni ASAL, Nuova Serie 21, 1981.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Conrad Detrez: genèse d'une écriture. **Textyles**, n° 13. Lettres du Jour, 1996.
- PAIVA, Vera (Org.). **Em tempos de AIDS**: sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, mulheres, apoio psicológico aos portadores. São Paulo: Summus, 1992.
- PELLEGRINI, Maria Clara. Conrad Detrez ou la Mémoire comme éthique de la dissidence. In: LASERRA, Annamaria (Dr.). **Histoire, mémoire, identité dans la littérature non fictionnelle. L'exemple belge**. Bruxelles: Peter Lang, 2005.
- QUAGHEBEUR, Marc (Dir.) **Analyse et enseignement des littératures francophones**: tentatives, réticences, responsabilités. Bruxelles: AMPL, 2008.
- SAENEN, Frédéric. Conrad Detrez, enfant du siècle et persona non grata, 2016. Disponível: <http://www.revues.be/le-carnet-et-les-instants/129-le-carnet-et-les-instants-189/281-conrad-detrez-enfant-du-siecle-et-persona-non-grata>. Acesso em: 10 set. 2018.
- TREVISAN, Silvério, João. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil. Da Colônia à atualidade. 4ª edição revista e ampliada. São Paulo: Objetiva, 2018.
- VALET, Paul. **Prêtre-Ouvrier**: Itinéraire d'un ancien jociste. Paris: Karthala, 2008.

Fontes primárias

BARROSO, Jean-Marc. Explorations. Fièvres et combats de Conrad Detrez: du mysticisme à la révolution et à l'homosexualité: l'itinéraire d'un écrivain baroque et militant. **Le Monde Dimanche**, XVI. 23/24 mars 1980.

BETTO, Frei. **Entrevista concedida à Maria Cláudia Badan Ribeiro**, em 04 mai. 2012, na cidade de São Paulo, 2012.

DETREZ, Conrad. **L'Herbe à brûler**. Paris: Calmann-Lévy, 1978.

_____. **O Jardim do Nada**. Tradução de Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Les Noms de la tribu**. Paris: Seuil, 1981.

ENTREVISTA concedida por Carlos Marighella ao Semanário francês **Front**. O Brasil será um novo Vietnã. **Front**. Publicado em: 3 nov. 1969 (mimeo).

GUÉRIN, Antoine. **Mensagem Pessoal**. João Pessoa-PB. Mensagem recebida por "Autor", em 21 de dezembro de 2014.

MARTINS, Wilson, Os bastidores da

Revolução I. **Jornal do Brasil**. Publicado em: 17 mar. 1979.

PEREIRA, Hamilton. Mensagem Pessoal. Brasília-DF. Mensagem recebida por "Autor", em 24 de setembro de 2008.

PRÊMIO Renaudot. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 21 e 23 de novembro de 1978.

REDAÇÃO. Le Jardin de la vie. **Le Figaro**. Publicado em: 21 nov. 1978.

REDAÇÃO. Le livre de Carlos Marighella. **Le Monde**, Publicado em: 14 mar. 1970.

REDAÇÃO. Conrad Detrez. "Devoré par le Brésil". **Magazine Littéraire**, n° 187, set. 1982.

REDAÇÃO. Une arrête du Ministère de l'Intérieur. **Le Monde**. Publicado em: 13 mar. 1970.

REDAÇÃO. Vingt trois Éditeurs Français rééditent un livre de Carlos Marighella. **Le Monde**. Publicado em: 04 jul. 1970.

Recebido em: 22/05/2019

Aprovado em: 25/06/2019